SCIENTIA NATURALIS
Scientia Naturalis, v. 7, n. 2, p. 581-595, 2025
Home page: http://revistas.ufac.br/revista/index.php/SciNat
DOI: https://doi.org/10.29327/269504.7.2-10
ISSN 2596-1640

Riqueza e comestibilidade de macrofungos da Estação Ecológica do Rio Acre, Assis Brasil, Acre

Morgana Café de Albuquerque Batista[1*], Chirley Gonçalves da Silva[2], Isés Neves da Purificação Santos[3], Marcos Silveira[4], Márcia de Araújo Teixeira-Silva[4]

[1]Discente da Universidade Federal do Acre, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Rio Branco, Brasil. [2]Mestranda em Ciência, Inovação e Tecnologia para a Amazônia, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Brasil. [3]Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Brasil. [4]Professor da Universidade Federal do Acre, Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Rio Branco, Brasil. *morganacafea@gmail.com

Recebido em: 13/11/2024 **Aceito em: 07/11/2025** **Publicado em: 30/12/2025**

DOI: https://doi.org/10.29327/269504.7.2-10

RESUMO

Os macrofungos, possuem estruturas reprodutivas visíveis a olho nu e são classificados nos filos *Basidiomycota* e *Ascomycota*. Ambos são fundamentais para a decomposição de matéria orgânica e a reciclagem de nutrientes no ecossistema e apresentam grande relevância econômica. A lista da Flora e Funga do Brasil registra para o Acre, 113 espécies de fungos, número que não reflete a biodiversidade da região haja visto a pequena quantidade de estudos sobre fungos e as lacunas de informação biológica para esse componente da biota no estado. O presente trabalho visa contribuir para com o conhecimento sobre a riqueza de espécies e o potencial alimentício de macrofungos na Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, Assis Brasil, Acre. A partir de coletas realizadas em trilhas pré-existentes na unidade de conservação entre janeiro e abril de 2022 e janeiro de 2023, e de documentação fotográfica e morfológica dos espécimes, identificamos 353 espécimes de macrofungos, distribuídos em 24 famílias, 41 gêneros e 54 espécies. Identificamos 17 espécies alimentícias, três delas sendo novas para o Acre.
Palavras chaves: Amazônia. Fungos comestíveis. Unidades de conservação.

Richness and edibility of macrofungi in the Rio Acre Ecological Station, Assis Brasil, Acre

ABSTRACT

Macrofungi have visible reproductive structures that can be seen with the naked eye and are classified within the phylum Basidiomycota and Ascomycota. Both are essential for the decomposition of organic matter and nutrient recycling in ecosystems and have great economic importance. The Flora and Funga of Brazil list records 113 species of fungi for Acre, a number that does not reflect the region's biodiversity, given the limited amount of research on fungi and the gaps in biological information regarding this component of the state's biota. This study aims to contribute to the knowledge of species richness and the edible potential of macrofungi in the Rio Acre Ecological Station (ESEC), Assis Brasil, Acre. From collections made on pre-existing trails in the conservation unit between January and April 2022 and January 2023, and through photographic and morphological documentation of espécimens, we identified 353 macrofungi specimens, distributed across 24 families, 41 genera, and 54 species. We identified 17 edible species, three of which are new to Acre.
Keywords: Amazônia. Edible fungi. Conservation units.

INTRODUÇÃO

Os fungos são organismos constituídos de filamentos microscópicos conhecidos como hifas, que formam os micélios e são classificados em leveduriformes e filamentosos (BONONI, 1992). Estes últimos incluem os macrofungos, um grupo caracterizado pela presença de estrutura de reprodução observada a olho nu e estão inseridos nos filos *Basidiomycota* e *Ascomycota* (RAVEN et al., 2014).

Os representantes do filo Basidiomycota, popularmente chamados de cogumelos e orelhas-de-pau, desenvolvem uma estrutura de reprodução chamada de basidioma (ou corpo de frutificação), onde estão presentes os basídios, os quais produzem os basidiósporos, a estrutura responsável pela dispersão dos esporos (GUGLIOTTA; CAPELARI, 1998). O filo Ascomycota tem como característica diacrítica a produção de ascos, os quais produzem ascósporos, os responsáveis pela sua dispersão no meio ambiente (RAVEN et al., 2014; DOS SANTOS; JUNIOR, 2015).

Os basidiomicetos e ascomicetos apresentam grande diversidade de espécies. Segundo Santos e Junior (2015), estima-se que os fungos sejam representados por mais de 100.000 espécimes, podendo atingir mais de 5 milhões de espécies, sendo o grupo taxonômico mais diversos do mundo, depois dos insetos.

Os fungos são importantes como principais decompositores de matéria orgânica e ainda atuam na ciclagem de nutrientes no ecossistema (RAVEN et al., 2014). Uma parte desses fungos, os cogumelos comestíveis, possui importância na economia, principalmente no setor alimentício. Para tanto, eles precisam apresentar comestibilidade, caracterizada pela ausência de micotoxinas letais aos seres humanos e a presença de proteínas, vitaminas e minerais (GAMBOA-TRUJILLO, 2009; AO et al.,2016).

A Lista da Flora e da Funga do Brasil registra a ocorrência de um total de 113 espécies de fungos no estado do Acre, contudo, essa estimativa está aquém da real diversidade micológica nessa parte da Amazônia, uma vez que a linha do tempo das coletas de cogumelos no Acre não é extensa (TEIXEIRA-SILVA et al., 2024) e ainda há muitas lacunas no conhecimento sobre a funga do estado.

Mesmo assim, pesquisas têm avançado para reduzir essas lacunas no conhecimento sobre a diversidade de fungos e seu potencial de uso, incluindo a comestibilidade. Um estudo realizado por Silva et al. (2022) na Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá identificou 143 espécies de fungos, das quais 16 são comestíveis. Logo, o presente trabalho tem como objetivo realizar o levantamento da

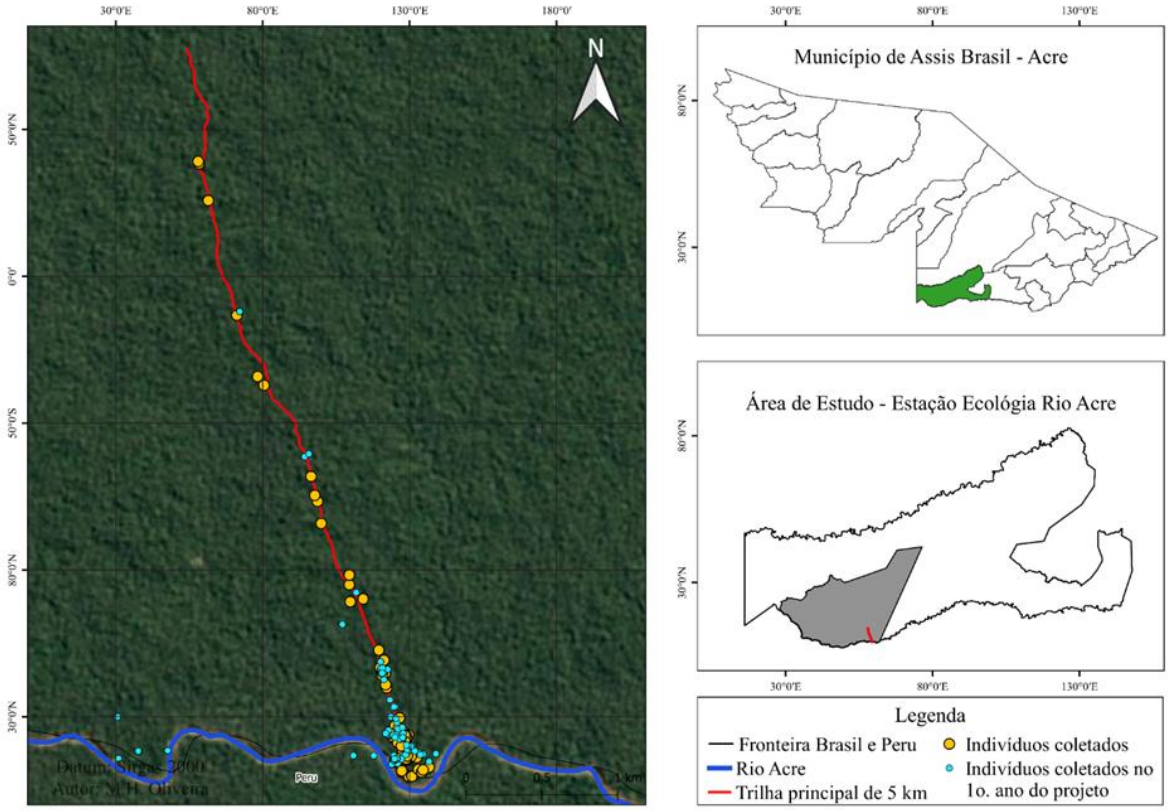
riqueza de espécies e o potencial alimentício de macrofungos da Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre.

MATERIAL E MÉTODOS

A Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre é uma unidade de conservação de proteção integral com 77.500 ha, localizada na fronteira do Brasil com o Peru, no município de Assis Brasil, com acesso exclusivo pelo rio Acre, num percurso de 112 km (SOS AMAZÔNIA, 2010).

Realizamos as coletas de macrofungos na ESEC nos períodos de 07-11/01/2022, 14-19/04/2022 e 17-20/01/2023 (Figura 1).

Figura 1 - Distribuição dos pontos de coleta de macrofungos na Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, Assis Brasil, Acre.



Realizamos as coletas em três trilhas pré-existentes, uma principal, utilizada pelo programa Monitora, com 5 km, e duas alternativas que não excedem 1 km, localizadas nas proximidades do alojamento da estação.

Fotografamos todo o material coletado, ladeado por uma régua, e durante a coleta efetuamos anotações acerca das estruturas morfológicas essenciais como píleo, estipe e

himênio. Secamos o material em uma mini estufa de campo e armazenamos as coletas em sacos de papel para evitar danos por ser um material frágil.

Utilizamos estereomicroscópio trinocular para descrever as características macroscópicas e literatura especializada para diagnosticar estruturas essenciais de acordo com Puccinelli (2007). Os táxons e as suas respectivas autoridades estão de acordo com o banco de dados do Index Fungorum (www.indexfungorum.org).

Para a identificação dos táxons até os níveis genérico e específico utilizamos literatura para os grupos de basidiomicetos e ascomicetos, como as monografias clássicas de Pegler (1983, 1997), Singer e Digilio (1951), Singer (1986) e Bononi (1992). Por fim, foram utilizadas as monografias clássicas de identificação de níveis em conjunto com trabalhos atuais para indicar espécies com propriedades alimentícias, como Patrício et al., (2021), Ao (2016), Trierveiler-Pereira (2019), Gamboa-Trujillo (2009) e Ishikawa et al., (2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As coletas de macrofungos realizadas na Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre entre janeiro e abril de 2022 e em janeiro de 2023 resultaram em um total de 353 espécimes, compreendidas em 24 famílias, 41 gêneros e 54 espécies de fungos (Tabela 1).

Tabela 1 - Espécies de macrofungos (*Ascomycota* e *Basidiomycota*) e abundância por substratos na Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, Assis Brasil, Acre.

DETERMINAÇÃO	NÚMERO DE COLETAS	SUBSTRATO
Auriculariaceae		
Auricularia delicata (Mont. ex Fr.) Henn. 1893	1	Tronco
Auricularia fuscosuccinea (Mont.) Henn. 1893	1	Tronco
Agaricaceae		
Leucocoprinus fragilissimus (Ravenel ex Berk. & M.A. Curtis) Pat. 1900	1	Solo
Clavicipitaceae		

Nigelia martialis (Speg.) Luangsa-ard & Thanakitp. 2017	2	Larva
Cerrenaceae		
Cerrena hydnoides (Sw.) Zmitr. 2001	1	Tronco
Cordycipitaceae		
Beauveria locustiphila (Henn.) B. Shrestha, Kepler & Spatafora 2017	4	Grilo
Geastraceae		
Geastrum morganii Lloyd 1902	1	Solo
Graphostromataceae		
Camillea mucronata Mont. 1855	1	Tronco
Camillea patouillardii Læssøe, J.D. Rogers & Whalley 1989	1	Tronco
Hipoxylaceae		
Phylacia poculiformis (Mont.) Mont. 1855	1	Galho
Thamnomyces chordalis Fr. 1830	1	Galho
Entonaema liquescens Möller 1901	1	Tronco
Lycoperdaceae		
Calvatia cyathiforrmis (Bosc) Morgan 1890	1	Solo
Marasmiaceae		
Marasmius rotula (Scop.) Fr. 1838	1	Galho
Marasmius haematocephalus (Mont.) Fr. 1838	3	Serrapilheira
Tetrapyrgos nigripes (Fr.) E. Horak 1987	2	Galho
Mycenaceae		

Filoboletus gracilis (Klotzsch ex Berk.) Singer 1945	1	Tronco
Ophiocordycipitaceae		
Ophiocordyceps australis (Speg.) G.H. Sung, J.M. Sung, Hywel-Jones & Spatafora 2007	15	Formiga
Paraisaria amazonica (Henn.) Luangsa-ard, Mongkols. & Samson 2019	2	Gafanhoto
Ophiocordyceps melolonthae (Tul. & C. Tul.) G.H. Sung, J.M. Sung, Hywel-Jones & Spatafora 2007	6	Larva
Purpureocillium lilacinum (Thom) Luangsa-ard, Houbraken, Hywel-Jones & Samson 2011	5	Hemiptera
Polyporaceae		
Fomes fomentarius (L.) Fr. 1849	1	Tronco
Ganoderma orbiforme (Fr.) Ryvarden 2000	1	Tronco
Favolus tenuiculus P. Beauv. 1806	6	Tronco
Ganoderma Australe (Fr.) Pat. 1889	1	Tronco
Microporellus obovatus (Jungh.) Ryvarden 1972	1	Solo
Lentinus swartzii Berk. 1843	2	Tronco
Earliella scabrosa (Pers.) Gilb. & Ryvarden 1985	1	Galho
Ganoderma applanatum (Pers.) Pat. 1887	1	Tronco
Trametes polyzona (Pers.) Corner 1989	1	Tronco
Furtadoa brasiliensis (Singer) Costa-Rez., Drechsler-Santos & Robledo	1	Tronco

2017

Phallaceae		
Phallus impudicus L. 1753	2	Solo
Physalacriaceae		
Oudemansiella canarii (Jungh.) Höhn. 1909	1	Galho
Dactylosporina steffenii (Rick) Dörfelt 1985	2	Solo
Oudemansiella cubensis (Berk. & M.A. Curtis) R.H. Petersen 2010	1	tronco
Pleurotaceae		
Pleurotus djamor (Rumph. ex Fr.) Boedijn 1959	6	Solo
Pleurotus djamor var. roseus Corner 1981	2	Galho
Pluteaceae		
Pluteus americanus (P. Banerjee & Sundb.) Justo, E.F. Malysheva & Minnis 2014	1	Serrapilheira
Psathyrellaceae		
Coprinellus arenicola Wartchow & A.R.P. Gomes 2014	1	Tronco
Coprinellus disseminatus (Pers.) J.E. Lange 1938	5	Solo
Candolleomyces candolleanus (Fr.) D. Wächt. & A. Melzer 2020	1	Tronco
Coprinopsis mexicana (Murrill) Redhead, Vilgalys & Moncalvo 2001	1	Tronco
Rickenellaceae		
Cotylidia aurantiaca (Pat.) A.L. Welden 1958	2	Galho

Sarcoscyphaceae		
Cookeina speciosa (Fr.) Dennis 1994	5	Galho
Cookeina tricholoma (Mont.) Kuntze 1891	5	Tronco
Phillipsia domingensis (Berk.) Berk. ex Denison 1969	2	Tronco
Schizophyllaceae		
Schizophyllum commune Fr. 1815	1	Tronco
Steccherinaceae		
Antrodiella versicutis (Berk. & M.A. Curtis) Gilb. & Ryvarden 1986	1	Tronco
Tremellaceae		
Tremella fuciformis Berk. 1856	1	Tronco
Xylariaceae		
Kretzschmaria clavus (Fr.) Sacc. 1883	1	Tronco
Xylaria multiplex (Kunze) Fr. 1851	2	Serrapilheira
Xylaria polymorpha (Pers.) Grev. 1824	1	Tronco
Xylosphaera comosa (Mont.) Dennis 1958	2	Galho
Xylosphaera guianensis (Mont.) Dennis 1958	1	Tronco

Tendo em vista a Tabela 1, a diversidade documentada reflete a elevada heterogeneidade microambiental da área de estudo e indica que o local mantém condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos lignocelulolíticos.

A análise dos substratos revelou um padrão claro: a maior parte das espécies ocorreu principalmente em madeira em decomposição, confirmando a afinidade saprofítica do grupo e enfatizando o papel ecológico dessas espécies na ciclagem de nutrientes.

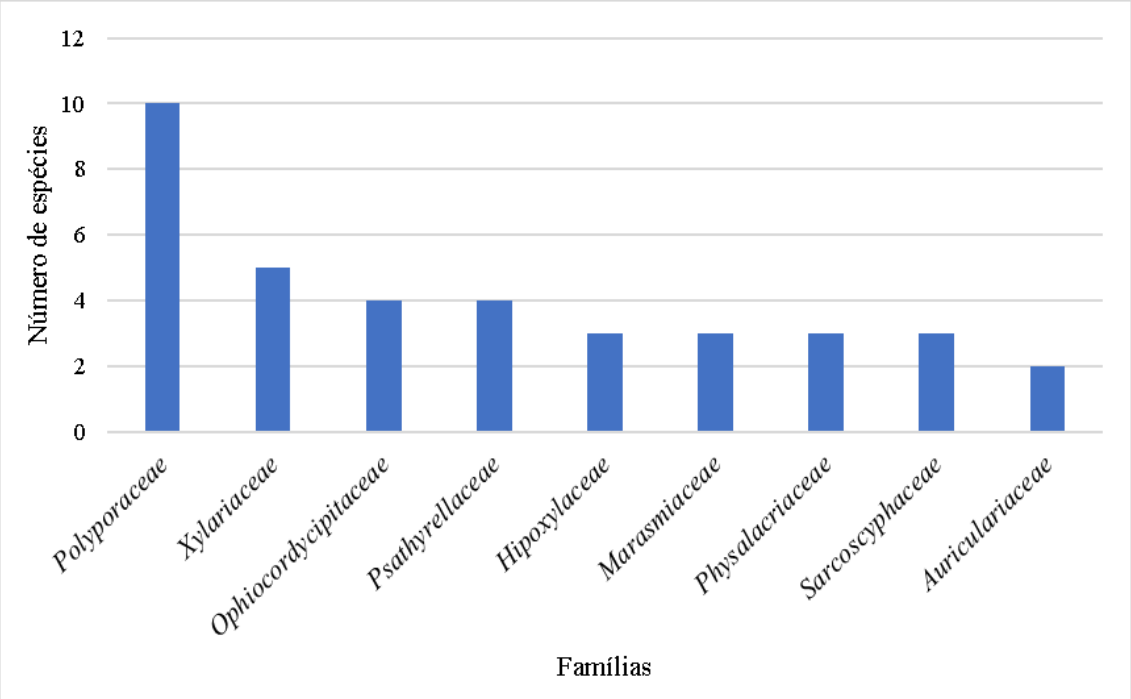
No entanto, também foram registradas ocorrências em substratos menos frequentes, sugerindo que algumas espécies possuem maior plasticidade ecológica do que antes documentado, sendo assim apresentam grande variedade de características morfológicas e fisiológicas, consequentemente possuem capacidade ilimitada para se dispersar no ambiente.

A presença de espécies já relatadas para formações florestais semelhantes sugere continuidade ecológica entre os ambientes, enquanto o registro de táxons pouco documentados indica que a Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá pode representar um importante repositório de diversidade fúngica regional.

De modo geral, os resultados revelam um conjunto taxonômico coerente com a literatura, mas também apontam novas lacunas e potenciais linhas de pesquisa, especialmente no que diz respeito à ecologia funcional dos fungos e sua interação com diferentes graus de decomposição da madeira. Esses achados ressaltam o valor da área estudada como ambiente prioritário para investigações futuras sobre macrofungos e sua relevância ecológica.

Dentre as 24 famílias encontradas na ESEC, oito correspondem a 45,45% da riqueza de morfoespécies. Na Figura 2 identificamos algumas famílias que apresentam grande número de coletas, enquanto outras aparecem com baixa representatividade.

Figura 2 - Riqueza de espécies de macrofungos distribuídas em famílias. Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, Assis Brasil, Acre.



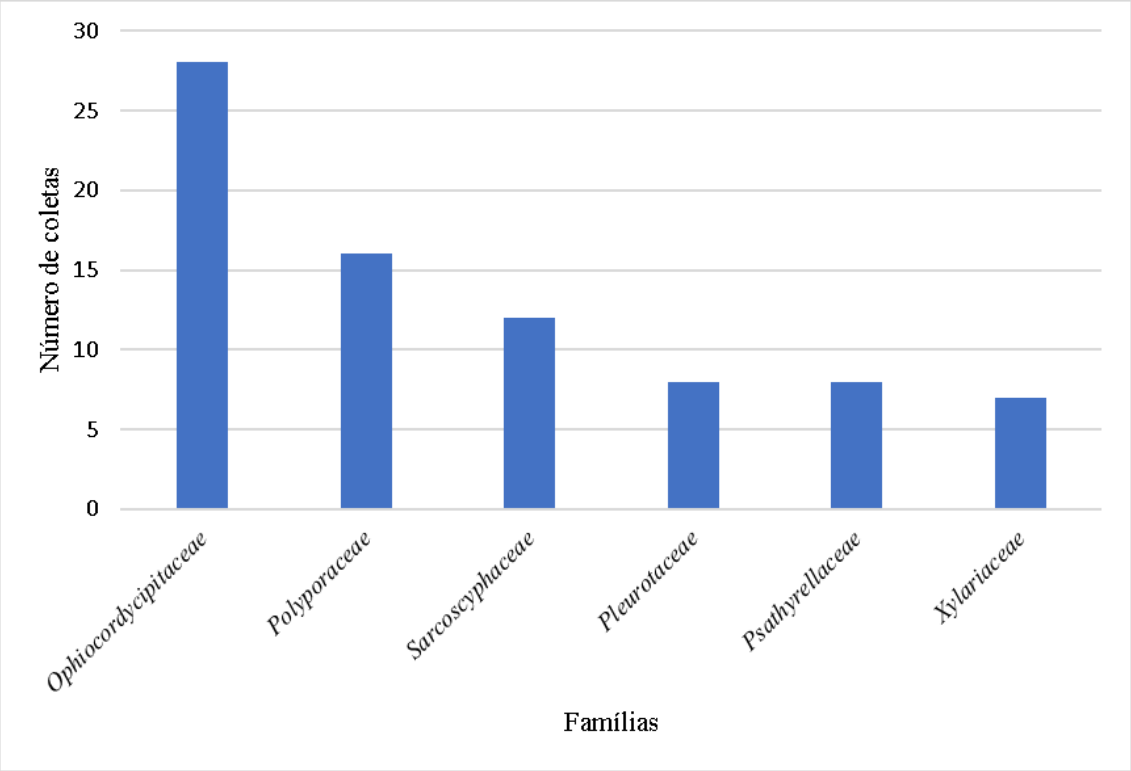
Os táxons representados por uma ou duas morfoespécies, representam 54,55% da riqueza de espécies.

As 54 espécies de fungos coletadas na ESEC correspondem a 47,78% da biodiversidade de fungos registrada no Acre pela Lista da Flora e da Funga do Brasil.

As famílias com maior número de espécies são Polyporaceae e Xylariaceae, concentrando respectivamente, 24,39% e 12,19% das espécies encontradas. As famílias com maior número de coletas são Ophiocordycipitaceae (28), Polyporaceae (16), Sarcoscyphaceae (12), Pleurotaceae (8), Psathyrellaceae (8), e Xylariaceae (7) (Figura 3).

Resultados semelhantes foram encontrados por Silva et al., (2020) na Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá, onde contabilizou 325 espécimes, distribuídos em 31 famílias, 67 gêneros e 143 espécies tanto do filo Basidiomycota quanto de Ascomycota. Nessa área, Polyporaceae e Xylariaceae concentraram a maior parte da riqueza de espécies.

Figura 3 – Abundância relativa de famílias de macrofungos na Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, Assis Brasil, Acre.



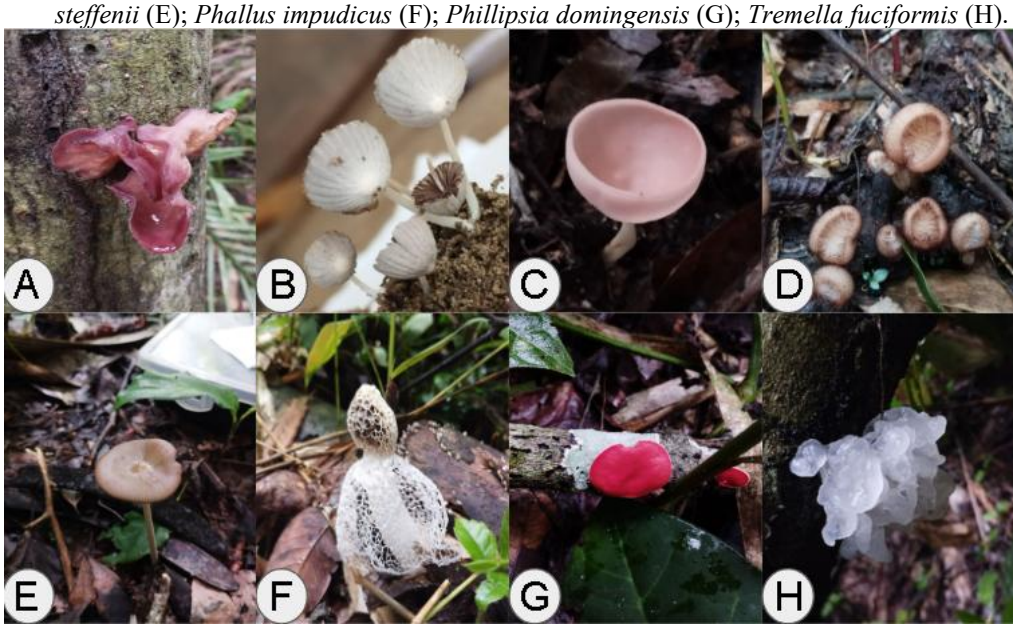
Os fungos podem ser encontrados em diversos substratos, como troncos, galhos, serrapilheira, solo e até mesmo insetos (SYLVÉUS et al., 2017), como é o caso das

espécies do gênero *Ophiocordyceps*, que projetam hifas para fora do corpo do hospedeiro (EVANS; SAMSON, 1984).

Os macrofungos possuem diversas potencialidades, dentre elas, a comestibilidade; Fungos utilizados na culinária no mundo todo como o shitake e shimeji que são popularmente conhecidos e incorporados na gastronomia de muitas regiões, como a Europa, China, América do Norte e Austrália, que utilizam as propriedades alimentícias dos fungos há anos e atuam na produção destes (SILVA, 2011; RODRIGUES; OKURA, 2022).

Contudo há os FANC'S (Fungos Alimentícios Não Convencionais) que não são comercializados convencionalmente no mercado (Figura 4).

Figura 4 - Fungos comestíveis registrados na ESEC do Rio Acre, Assis Brasil, Acre. *Auricularia* sp. 1 (A); *Coprinellus disseminatus* (B); *Cookeina speciosa* (C); *Cookeina tricholoma* (D); *Dactylosporina steffenii* (E); *Phallus impudicus* (F); *Phillipsia domingensis* (G); *Tremella fuciformis* (H).



Neste trabalho, com a ajuda de literatura específica sobre macrofungos comestíveis, identificamos 17 espécies de macrofungos com potencial para a utilização na culinária (Quadro 1).

Quadro 1 - Espécies de fungos comestíveis coletados na ESEC do Rio Acre, Assis Brasil, Acre.

ESPÉCIE	REFERÊNCIA
Auricularia delicata	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Auricularia fuscosuccinea	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Filoboletus gracilis	Trierveiler-Pereira, L. 2022
Ophiocordyceps melolonthae	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Favolus tenuiculus	Ishikawa N. K. et al., 2012
Lentinus swartzii	Silva, C. G. D. et al., 2022
Phallus impudicus	Silva, C. G. D. et al., 2022
Dactylosporina steffenii	Trierveiler-Pereira, L. 2022
Oudemansiella cubensis	Trierveiler-Pereira, L. 2022
Pleurotus djamor	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Pleurotus djamor var. roseus	Raman, J. et al., 2020
Coprinellus disseminatus	Trierveiler-Pereira, L. 2022
Cookeina speciosa	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Cookeina tricholoma	Silva, C. G. D. et al., 2022
Phillipsia domingensis	Silva, C. G. D. et al., 2022
Schizophyllum commune	Gamboa-Trujillo, J. P. 2009
Tremella fuciformis	Silva, C. G. D. et al., 2022

Na APA Lago do Amapá, Silva et al., (2022) listaram 16 espécies de fungos alimentícios não convencionais, sendo eles *Auricularia delicata*, *Auricularia fuscosuccinea*, *Coprinellus disseminatus*, *Cookeina speciosa*, *Cookeina tricholoma*,

Favolus tenuiculus, *Lentinus crinitus*, *Lentinus tricholoma*, *Lentinus velutinus*, *Oudemansiella cubensis*, *Panus neostrigosus*, *Phillipsia domingensis*, *Phallus indusiatus*, *Pleurotus djamor* e *Tremella fuciformis*. Na ESEC do Rio Acre, ocorrem 17 espécies comestíveis.

A pesquisa resultante da dissertação de mestrado de Gamboa-Trujillo, J (2009) sobre etnomicologia resultou em uma lista de macrofungos utilizados na alimentação por povos originários, além de outras propriedades que os mesmos são utilizados como para dores estomacais e cicatrizantes, destes comestíveis estão as espécies Ophiocordyceps melolonthae e Schizophyllum commune, estes são utilizados na alimentação.

Trierveiler-Pereira (2022) descreveu e fotografou 45 espécies de fungos comestíveis não convencionais que ocorrem em Angatuba e região, e dois deles, Filoboletus gracilis e Schizophyllum commune, ocorrem no Acre.

Na região amazônica, Gamboa-Trujillo (2009) em sua dissertação de mestrado, abordou acerca da etnomicologia, área que visa o conhecimento de povos tradicionais sobre práticas com fungos, com isso, na Amazônia há os Kichwa que utilizam vários fungos em sua alimentação, sendo um deles, Ophiocordyceps melolonthae, que ocorre no Acre.

O presente trabalho indica mais espécies com potencial alimentício que ocorrem no estado do Acre, sendo as espécies Filoboletus gracilis, Ophiocordyceps melolonthae e Schizophyllum commune um acréscimo para a lista do estado de espécimes comestíveis, com isso, contabilizando ao todo para o Acre 19 espécies de fungos comestíveis.

CONCLUSÃO

Por fim, os resultados ampliam o conhecimento sobre a diversidade de fungos saprófitos da região, reforçando sua importância nos processos de ciclagem e manutenção da dinâmica florestal. Apesar do avanço representado neste estudo, ainda existem lacunas sobre a distribuição espacial, sazonalidade e relações ecológicas dos táxons registrados, indicando a necessidade de monitoramentos contínuos e análises moleculares que permitam maior resolução taxonômica. A identificação de espécies comestíveis sugere potencial para iniciativas de manejo sustentável e educação alimentar, embora seja indispensável aprofundar estudos toxicológicos e de segurança no consumo.

Os dados obtidos fornecem subsídios importantes para gestores de Unidades de Conservação (UCs), auxiliando no planejamento de ações voltadas à proteção e ao uso

sustentável dos recursos micológicos. Desse modo, o presente trabalho busca fornecer informações sobre a constituição da biodiversidade de macrofungos no estado do Acre, visando contribuir com a diminuição das lacunas do saber da funga.

AGRADECIMENTOS

Para toda a equipe da Estação Ecológica (ESEC) do Rio Acre, sem sua ajuda, carinho e disposição seria mais do que impossível esta jornada, foi e é um privilégio poder contar com esta equipe incrível.

Ao Laboratório de Botânica e Ecologia Vegetal (LABEV) da Universidade Federal do Acre (UFAC) que proporcionou o início desta jornada no mundo dos fungos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C. O.; OMENA, M. T. R. N.; SILVA-JUNIOR, C. A. S.; BITTENCOURT, F.; DRECHSLER-SANTOS, E. R. É bicho ou planta? É fungo! Riqueza de macrofungos decompositores de madeira em três diferentes ambientes florestais em São Francisco do Sul - SC, Brasil. In: CORREA, T. P.; LEMOS, L. L.; SILVA, B. S.; CRIVELARO, M.; SILVA, A. L. L.; MACEDO-SOARES, L. C. P.; SILVEIRA, T. C. L. (Ed.). **Ecologia de Campo: Estudos Ecológicos na Baía Babitonga**. Florianópolis: UFSC, p. 367-388, 2021.

AO, T.; SEB, J.; AJUNGLA, T.; DEB, C. R. Diversity of Wild Mushrooms in Nagaland, India. **Open Journal of Forestry**, v. 6, n. 5, p. 404-419, 2016.

BONONI, V. L. R. Fungos Macroscópicos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Hoehnea**, v. 19, n. 1-2, p. 31-37, 1992.

SANTOS, E. R. D. **Material Complementar ao livro Sistemática Vegetal I: Fungos**. 1.ed. Florianópolis: UFSC, 2015. 47 p., 1 v.

EVANS, H. C.; SAMSON, R. A. Cordyceps species and their anamorphs pathogenic on ants (Formicidae) in tropical forest ecosystems II. the Camponotus (Formicinae) complex. **Transactions of the British Mycological Society**, v. 82, n. 1, p. 127-150, 1984.

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/. Acesso em: 6 Abr 2024

GUGLIOTTA, A. M.; CAPELARI, M. Taxonomia de Basidiomicetos. In: BONONI, V. L. R.; GRANDI, R. A. P. (Ed.). **Zigomicetos, basidiomicetos e deuteromicetos: noções básicas de taxonomia e aplicações biotecnológicas**. São Paulo: Instituto de Botânica, p. 68-105, 1998.

ISHIKAWA, N. K; VARGAS-ISLA, R; CHAVES, R. S; CABRAL, T. S. Macrofungos da Amazônia: importância e potencialidades. **Ciência & Ambiente**, v. 44, p. 130-139, 2012.

LODGE, D. J; AMMIRATI, J. F.; O'DELL, Thomas E.; MUELLER, G. M. Collecting and describing macrofungi. In: MUELLER, G. M.; BILLS, G. F.; FOSTER, M.S. (Ed.). **Biodiversity of fungi:** inventory and monitoring methods. Burlington: Elsevier Academic Press, 2004. p. 128-158.

PATRÍCIO, A. S.; MENDOZA, A. Y. G.; CAVALCANTE, F. S. A.; SANTOS, V. S.; LIMA, R. A. Levantamento de macrofungos na Reserva Natural de Palmari, Atalaia do Norte, Amazonas, Brasil. **Biodiversidade**, v. 20, n. 3, p. 91-99, 2021.

PEGLER, D. N. Agaric flora of the Lesser Antilles. **Kew Bulletin Additional Series**, v. 9, p. 1-668, 1983.

PEGLER, D. N. The Agarics of São Paulo, Brazil. London: **Royal Botanic Gardens**, Kew, 1997.

PUCCINELLI, C. **Marasmius (Basidiomycota - Marasmiaceae) do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (PEFI), São Paulo, SP, Brasil**. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente) – Instituto de Botânica, Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo, 2007.

RAMAN, J.; LAKSHMANAN, H.; JANG, K. Y.; OH, M.; OH, Y. L.; IM, J. H. Nutritional composition and antioxidant activity of pink oyster mushrooms (Pleurotus djamor var. roseus) grown on a paddy straw substrate. **Journal of Mushrooms**, v. 18, n. 3, p. 189–200, 2020.

RODRIGUES, G. de M.; OKURA, M. H. Cogumelos comestíveis no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, p. 2471, 2022.

SILVA, C. G.; TEIXEIRA-SILVA, M. A.; SANTOS, I. N. P.; SILVEIRA, M.; OLIVEIRA, M. H. Riqueza de fungos comestíveis na Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, v. 3, n. 4, p. 21–27, 2022.

SILVA, C. G.; TEIXEIRA-SILVA, M. A.; SILVEIRA, M. Macrofungos da Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá e novas ocorrências para o Estado do Acre. In: OLIVEIRA, L. A.; et al. (orgs.). **Biodiversidade e Biotecnologia no Brasil**. v. 1. Rio Branco: EDUFAC, 2020. p. 155–175.

SILVA, M. M. **Cultivo de cogumelos comestíveis pela técnica Jun-Cao**. 2011. 45 f. Monografia (Especialização em Microbiologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SINGER, R. The Agaricales in modern taxonomy. 4. ed. Königstein: **Koeltz Scientific Books**, 1986. 981 p.

SINGER, R.; DIGILIO, A. P. Pródromo de la flora agaricina argentina. **Lilloa**, v. 25, p. 5–461, 1951.

SOS AMAZÔNIA. **Plano de manejo da Estação Ecológica do Rio Acre**. Rio Branco: SOS Amazônia; WWF; ICMBio, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/amazonia/lista-de-ucs/esec-rio-acre/arquivos/esec_rio_acre.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

SYLVÉUS, A.; HANAZAKI, N.; DRECHSLER-SANTOS, E. R. Riqueza de macrofungos em diferentes condições de substrato (madeira) em fragmentos de Floresta Ombrófila Densa no Parque Municipal da Lagoa do Peri. In: FREITAS, L.; PERONI, D. F.; VIEIRA, M. F. (orgs.). **Ecologia de campo:** Serra e Litoral Catarinense. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. p. 179–189.

TEIXEIRA-SILVA, M. A.; SILVA, C. G.; SANTOS, G. S.; CARVALHO, C. M.; CORTEZ, V. G.; SILVEIRA, M. Macrofungal species richness and composition of Acre State, Amazon, Brazil: state of the art. **The Botanical Review**, v. 90, p. 186–220, 2024.

TRIERVEILER-PEREIRA, L. **FANCs de Angatuba:** Fungos Alimentícios Não Convencionais de Angatuba e região. 2. ed. Porto Alegre: PLUS/Simplíssimo, 2022.

TRUJILLO, J. P. G. **Introdução à etnomicologia no Equador**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.